

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

DO MILAGRE À MALDIÇÃO: SERGIO BERNARDES E AS RUÍNAS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA – BRASÍLIA / 1970-74

SESSÃO TEMÁTICA: MAL-ESTAR NA ARQUITETURA

Silva, Marcelo Felicetti
Mestrando PPG-ARQ / PUC - RIO
arqcetti@gmail.com

DO MILAGRE À MALDIÇÃO: SERGIO BERNARDES E AS RUÍNAS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA – BRASÍLIA / 1970-74

RESUMO

Sergio Bernardes (1919/2002) foi arquiteto da ordem, do ideal, da liberdade e do controle. Era sujeito-criador do bem-viver, daqueles tipos que “deixam o céu por ser escuro e vão ao inferno à procura de luz.” (RODRIGUES, 1948) Com a carreira já consolidada nos anos 1950, após o Golpe de 1964, Bernardes ambicionou tornar-se “o arquiteto que daria forma ao regime militar”. (CAVALCANTI, 2004) Em meio à barbárie do AI-5, mais precisamente no período do assim chamado “milagre brasileiro” (1968/1973), Bernardes percorreria do “milagre” à maldição, numa aposta no projeto de escala territorial aliado à alta tecnologia, fomentado pelo desenvolvimentismo militar. Com a “morte” da “Alvorada” democrática e o exílio de Niemeyer, ele assumiu protagonismo na construção de Brasília, realizando projetos emblemáticos para os militares e inaugurando o mal-estar que sua obra provoca até hoje. Entre estranhos, indigestos, simbólicos, monumentais, ambíguos, austeros - o Mastro da Bandeira (1972) e a Escola Superior de Guerra (1970/74). Da polêmica do Mastro (construído) ao delírio da ESG (iniciada), o reverso da medalha: o idealismo em ruínas. Este, localizado nas ruínas da própria edificação, nunca concluída e abandonada em 1974. Nosso objetivo é discutir o malogro, o sinistro, o espectro, a ruína – condições-estado que projetam o idealismo arquitetônico de Bernardes do “milagre” à maldição, entendendo que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’” (BENJAMIN, 1987), mas sim abrir possibilidades, questionar mitificações, construir o inaudito. Dentre as encomendas para Brasília no período do “milagre”, ambos projetos parecem definir um ponto de inflexão na obra do arquiteto indicando, simultaneamente, uma possibilidade sem precedentes e um limite para sua arquitetura. Se ainda hoje um ruído denunciatório ecoa do Mastro da Bandeira, qual seria a fala reprimida das ruínas da ESG acerca do “mal-estar” que assombra a obra de Bernardes desde então?

Palavras-chave: Sergio Bernardes. ESG. Ruínas.

FROM MIRACLE TO CURSE: SERGIO BERNARDES AND THE RUINS OF ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA – BRASÍLIA / 1970-74

ABSTRACT

Sergio Bernardes (1919/2002) was an architect of the order, of the ideal, of the freedom and control. He was the creator of the good living, those types of guys who "leave heaven for being dark and go to hell looking for light." During 1950s he'd already had his career consolidated, after the 1964 military coup, Bernardes aspired to become "the architect who would shape the military regime". (CAVALCANTI, 2004) During the AI-5 period, more precisely in the time called "Brazilian Miracle" (1968/1973), Bernardes went from the "miracle" to curse, investing in a territorial scale project combined with high technology, fostered by the military development. As Democracy's Dawn died and Niemeyer was exiled, he took over Brasilia's building by making emblematic projects for the Military Government and introduced the malaise that his work causes until these days. Among the weird, indigestible, symbolic, monumental, ambiguous and austere ones: *Mastro da Bandeira* (1972) and *Escola Superior de Guerra* (1970/74). From the controversy of the *Mastro* (built) to the delusional ESG (initiated), the other side of the coin: the ruins of idealism, which is located in the ruins of its own edification, never concluded and abandoned in 1974. Our goal is to discuss the frustration, the sinister, the spectre, the ruin state conditions that design Bernardes' architectural idealism from "miracle" to curse, by understanding that "articulating historically the past doesn't mean to know it 'as it actually was'" (BENJAMIN, 1987), but actually to be opened to possibilities, to question myths and to build the untold. In the times of the "miracle", both projects, amidst the orders to Brasilia, seem to

define a point of inflexion of the architect's work, indicating, simultaneously, a non precedent situation and a limit for his architecture. If even today a denouncing noise echoed from the *Mastro da Bandeira*, what would be the repressed speech of the *ESG* ruins about the malaise that haunts Bernardes works since then?

Keywords: Sergio Bernardes. ESG. Ruins.

1. IDEALISMO EM RUÍNAS: O PROJETO DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

*Eu sou um homem maldito. E por ser maldito eu fico com liberdades enormes de fazer o que quero.*¹



Figura 1 – Ruínas ESG.

Fonte: <http://vejabrasilia.abril.com.br/materia/cidade/os-segredos-dos-escombros>, Março 24, 2016.

Se com o polêmico *Monumento ao Pavilhão Nacional (Mastro da Bandeira/1972)* - na Praça dos Três Poderes - Sergio Bernardes cravou seu nome na paisagem urbana de Brasília, o ambicioso projeto da Escola Superior de Guerra - ESG (1970/74) - mostrou o reverso da medalha, indicando o caminho da maldição. Aposta extrema na relação da sua arquitetura com o poder militar, o projeto significou a concepção esperançosa de uma estrutura destinada à formação de pensadores ligados ao desenvolvimento do país sob a perspectiva elitista-intelectual militar e, ao mesmo tempo, a ruína do idealismo arquitetônico de Sergio Bernardes. Esta, concretizada na ruína da própria edificação, nunca concluída e

¹ Sergio Bernardes, "BERNARDES", Direção: Gustavo Gama e Paulo Barros, Produção: Lula Freitas, Rio de Janeiro (BR): 6D Filmes&Rinoceronte Produções, 2014.

abandonada em 1974. Qual seria a fala reprimida das ruínas da ESG acerca do “mal-estar” (e do silêncio espectral) que recaiu sobre a obra de Bernardes desde então?

Decifrar significados ou extrair discursos encobertos sob elementos ou conjuntos ruinosos não é tarefa fácil. E no caso das ruínas da ESG há um fator complicador que as tornam um tanto mais enigmáticas: elas aludem a algo que nunca chegou, de fato, a se constituir. Delimitam um espaço entre o passado e o futuro sem a existência de um presente. Elas são o espectro de uma especulação que se arruinou ainda em sonho. E sobrevivem de um futuro pretérito, aprisionado ou cristalizado que parece encerrar, em seu silêncio, o limite do idealismo arquitetônico de Bernardes.

Segundo o crítico de arte Brian Dillon, a ruína econômica da última década do século 20

*levou a uma série desagradável de imagens de planejamentos arquitetônicos e urbanos catastróficos – urbanizações que nunca seriam habitadas, blocos de escritórios que não puderam ser concluídos – e uma consciência renovada do longo declínio das principais instalações e cidades industriais do século passado: a situação de Detroit tornou-se o principal exemplo. Em geral, um senso do declínio da modernidade e do modernismo do século 20 estava no ar, ao lado de uma conscientização da decadência dos mecanismos de colonialismo e de uma nostalgia controversa por formas estéticas e iconografia do antigo bloco Soviético.*²

De acordo com o ponto de vista de Dillon, muito do trabalho da arte contemporânea recente tem se voltado para temas e imagens de decadência e destruição, explorando o que seriam “as relíquias da arrogância econômica das últimas décadas do século 20”³ : “ruínas da arquitetura modernista; a extinta infraestrutura da guerra fria; os territórios dizimados pelo desenvolvimento ou desastre industrial.”⁴

Sob esse prisma, a leitura crítica das ruínas da Escola Superior de Guerra de Brasília (e da ruína do idealismo arquitetônico de Bernardes) se aproxima da estética da ruína entendida numa chave contemporânea para além de uma visão puramente romântica, contemplativa ou melancólica, como veremos adiante. Para tanto, tomaremos como suporte conceitual alguns pontos da reflexão de Dillon sobre a ideia de um “continuum da estética da ruína.”⁵ Segundo o crítico,

² Brian Dillon, “Ruins.” London: Whitechapel Gallery Ventures Limited, 2011, 10. Tradução autor.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid. 11.

as ruínas incorporam um conjunto de paradoxos temporais e históricos. A ruína do edifício é um remanescente de, e um portal para o passado; sua decadência é uma lembrança concreta da passagem do tempo. E ainda por definição, ela sobrevive depois de uma moda: deve haver certo valor (talvez indeterminado) para uma estrutura construída ainda em pé para referirmos a ela como ruína e não meramente como uma pilha de escombros. Ao mesmo tempo, as ruínas nos lançam à frente no tempo; elas preveem um futuro no qual nosso presente vai cair numa degradação similar ou se tornar vítima de alguma calamidade imprevisível. A ruína, apesar do seu estado de decadência, de alguma forma nos faz sobreviver. E o olhar cultural que dirigimos às ruínas é uma forma de nos livrar do aprisionamento das cronologias pontuais, nos lançando à deriva no tempo. Ruínas são parte da longa história do fragmento; mas a ruína é um fragmento com um futuro; ela vai viver depois de nós, apesar do fato de que isso nos lembra também uma plenitude ou perfeição perdidas.⁶ (grifo nosso)

Por esse trecho fica evidente a complexa relação temporal que as ruínas carregam em sua materialidade pregressa e histórica, nela coabitando dúvidas e incertezas que orientam para trás e significados e prospecções que impulsionam adiante. As ruínas de uma edificação podem, portanto, conduzir à significação e à (re) construção histórica da obra perdida ou apagada pelo tempo. Todavia, em se tratando de ruínas de um passado recente, como o caso da estrutura abandonada da ESG, há de se levar em conta a própria relação ambígua que o modernismo do século 20 estabeleceu com a ideia de ruína. Esta, conforme aponta Dillon, pode ser entendida com base no modo pelo qual os projetos de renovação urbana propostos por arquitetos tais como Le Corbusier “[dependiam] de uma visão da cidade devastada pela demolição, num amplo cumprimento do processo começado, por exemplo, por Barão Haussmann, na Paris de 1860 – ou mesmo até por bombardeios aéreos.”⁷ Citando a declaração de Anthony Vidler sobre o projeto corbusiano da *Ville Radieuse*, o crítico reforça o argumento da tábula rasa pretendida pela arquitetura e urbanismo modernos:

‘o passado era também erradicado ou transformado, à maneira do século 18, em fragmentos de ruínas no parque. (...) A cidade tinha se transformado nada mais nada menos do que num cemitério do seu próprio passado.’ (VIDLER apud DILLON, 2004, 59)

⁶ Brian Dillon, op. cit. , 1. Tradução autor.

⁷ Ibid. 13.

Isso nos faz pensar no significado da chamada “ruína do passado recente.” Neste caso, a ruína modernista da segunda metade do século 20 deslocada para outra realidade, distinta daquela das cidades em escombros do pós-guerra europeu. As ruínas da ESG vistas sob a perspectiva da cidade artificial construída em território imaculado – a capital moderna de Brasília. O que representariam as ruínas de uma edificação que nunca existiu, logo, sem presente e sem passado, remetida a uma cidade voltada para o “futuro” e ainda sem história – a Brasília do “milagre econômico”? Se de alguma forma a ruína nos faz sobreviver prevendo um futuro no qual nosso presente vai cair ⁸, existiria algum significado possível para as ruínas da ESG além da “maldição” do idealismo de Sergio Bernardes?

Vejamos o contexto e o projeto da Escola Superior de Guerra. Segundo Cavalcanti,

a ilusão de que [Bernardes] se tornaria o arquiteto que daria forma ao regime militar se fortaleceu com a aproximação de Golbery do Couto e Silva. O mais culto dos militares (...) ficou, a princípio, fascinado com as ideias e a personalidade de Sergio Bernardes. (...) O convívio com o arquiteto, embora escasso, fornecia-lhe um refinamento intelectual e a oportunidade de debate profundo de temas geopolíticos (...). Unia-os o entusiasmo em criar novas estruturas que possibilitassem o desenvolvimento do país. Eram duas figuras que, embora situadas em um espectro político dito conservador, não pretendiam manter estruturas arcaicas de organização territorial. O projeto mais arrojado, que obteve simpatia inicial de Golbery, era aquele de uma Escola Superior de Guerra junto à Universidade de Brasília. (CAVALCANTI, 2004, 59) (grifo nosso)

Figura proeminente na construção e desmonte da Ditadura brasileira, o General Golbery do Couto e Silva – “uma espécie de ideólogo da nova ordem”⁹ - fundou o Serviço Nacional de Informações – SNI¹⁰ (1964/1990) no governo Castello Branco, e se tornou chefe do Gabinete Civil no período Geisel (1974/79), junto de quem estrategiou o processo de abertura democrática “lenta e gradual”. Fazia parte da elite intelectual-militar da Escola Superior de Guerra onde foi membro do corpo permanente, dedicando-se à temática geopolítica e ao Planejamento e Segurança Nacional.¹¹ Em 1958, suas conferências na ESG foram editadas no livro *Planejamento Estratégico*, e em 1967, publicou *Geopolítica do Brasil*. Sua admiração por Bernardes remontaria, pelo menos, aos tempos de sucessão do governo de Carlos Lacerda (1961/65), no então Estado da Guanabara, quando, “durante a crise das

⁸ Cf. nota 6.

⁹ Elio Gaspari, “A Ditadura Envergonhada.” Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014, 25.

¹⁰ O SNI foi criado pela Lei nº 4.341, em 13 de junho de 1964, e dirigido por Golbery até 1967. Denominado por ele como “Ministério do Silêncio”, o SNI combinou as funções de agência central de informações e conselho de assessoria para formulação de diretrizes políticas nacionais. (DREIFUSS, 1981, 421)

¹¹ Elio Gaspari, op. cit., 129.

eleições de 1965, Golbery [desejando] se tornar interventor na Guanabara [teria listado] “23 nomes de pessoas que chamaria para seu governo.”¹² Entre elas estavam “estrelas do meio cultural (...) como o arquiteto Sergio Bernardes.”¹³

O projeto de criação da Escola Superior de Guerra junto à UnB, do qual Golbery era simpatizante, surgia, portanto, como um campo de grandes expectativas para a ambição de Bernardes. Além da espacialização do programa da nova sede em Brasília, seu projeto para a ESG pretendia tocar no âmbito pedagógico-conceitual da escola, influenciando “no currículo e na construção da mentalidade e do conhecimento que seria ministrado aos próprios oficiais.”¹⁴ A aposta era audaciosa: transpor à intelectualidade militar seus ideais de transformação do território e, por tabela, da vida do homem-indivíduo. Seu projeto previa até mesmo a alteração do nome da instituição para *Escola Superior de Altos Estudos de Integração*¹⁵, evidenciando a abrangência programática da ESG e também o grau de liberdade de que Bernardes gozava – ou supunha gozar – junto à oficialidade militar naquele momento.

A origem remota da ESG, segundo Arruda, se prende a um curso de Alto Comando criado em 1942 pela Lei do Ensino Militar, e que se destinava apenas a generais e coronéis do Exército¹⁶. Com inspirações norte-americanas no *National War College*, mas focado na realidade brasileira, o regulamento da instituição foi lavrado pelo General Sardenberg, em 1948, sob o título de *Princípios Fundamentais da Escola Superior de Guerra*¹⁷, extensivo aos oficiais das três Forças. A escola propunha estabelecer uma visão de “coordenação das ações de todos os órgãos, civis e militares responsáveis pelo ‘desenvolvimento do potencial’ e pela Segurança do país”¹⁸, baseada na ideia central de “que o desenvolvimento não depende só de fatores naturais, mas principalmente de fatores culturais.”¹⁹ Como metodologia de trabalho, preconizava a pesquisa em equipe, o sistema de audiências, o diálogo e o debate como superação do individualismo dos convencionais métodos de pareceres unilaterais.²⁰ A ESG definia-se, portanto, como “um instituto nacional (...) centro permanente de pesquisas”²¹ dos problemas brasileiros e interessado na Segurança

¹² Ibid. 173.

¹³ Ibid.

¹⁴ Lauro Cavalcanti, “Sergio Bernardes – Herói de uma Tragédia Moderna.” Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, 59.

¹⁵ Sergio Bernardes. “ESG inicia obras da nova sede em Brasília.” *OGlobo*, Rio, 9/7/73, 2º Caderno, 8. <http://acervo.oglobo.globo.com/busca> (Maio 20, 2015)

¹⁶ Antônio Arruda, “ESG: história de sua doutrina”. São Paulo: GRD, 1980, 1.

¹⁷ Ibid. 2.

¹⁸ Ibid. 3.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

²¹ Antônio Arruda, op. cit. , 3.

Nacional: “resguardar”, em tempos de Guerra-Fria e revoluções, a população dos ataques ao “controle progressivo da Nação pela destruição sistemática dos seus valores, das suas Instituições, da sua moral.”²² Em outras palavras, dado o contexto histórico-mundial em que a escola se desenha – a bipolarização do mundo controlado pelos blocos capitalista (EUA) e socialista (URSS) –, a ESG era uma instituição de elite ideologicamente orientada para lidar com o “perigo iminente” de um ataque comunista advindo, muito mais que de ameaças externas, das próprias fronteiras brasileiras.²³ Sob um olhar mais crítico, uma instituição que:

Impulsionou e difundiu um sistema fechado de ideias baseado na aceitação de premissas sociais, econômicas e políticas que raramente se faziam explícitas além da visão estática de uma sociedade eternamente dividida entre elites e massas. Esse sistema de ideias, que se reproduziu no interior de uma formação socioeconômica específica, encontrava sua razão de ser em relações supostamente permanentes e mesmo naturais de posse e ‘apropriação’ privadas. Essa linha de pensamento excluía teoricamente e evitava praticamente qualquer transformação estrutural, permitindo, no entanto, uma modernização conservadora. Tal abordagem excluía também a presença de representantes da classe trabalhadora, ou mesmo das camadas intermediárias, no quadro de professores regulares ou convidados da ESG. O argumento em prol do desenvolvimento era apresentado na ESG somente por empresários, tecno-empresários e, em menor escala, por políticos, assim como por convidados estrangeiros, tantos civis quanto militares. (DREIFUSS, 1981, 79-80)

Em 1973, o art.24, §1º do Regulamento-Decreto 72.669, institucionalizou a missão da ESG como sendo a de “formulação e planejamento da Política Nacional de Segurança e Desenvolvimento.”²⁴

Para Bernardes, projetar a nova sede da ESG era o coroamento de uma sequência de projetos para os militares em Brasília. Antes que aderir à sua ideologia político-institucional, ele esperava submetê-la ao seu idealismo. A expectativa era conduzir a mentalidade intelectual militar quanto ao tema da integração e planejamento do país, reforçando sua aposta no poder do projeto como dispositivo de reordenação estrutural na escala geopolítica, e de reorganização do território brasileiro em favor do que ele acreditava ser um projeto de nação autônoma, focado no planejamento global (e visionário). A fé cega numa ação “prospectiva” (utópica) equalizadora da vida urbana no diálogo natureza-tecnologia

²² Ibid. 4.

²³ Eduardo Lima. “Introdução ao estudo de um projeto de ‘Democracia Autoritária’: o papel da ESG no desenvolvimento político brasileiro (1943-1967).” Monografia Bacharelado História, IFCS/UFRJ, 2004.

²⁴ Antônio Arruda, op. cit. , 5.

(ideário já semeado no projeto *Rio Admirável Mundo Novo*,²⁵ de 1965) que buscava materializar-se a qualquer custo. Uma ambição para qual não bastariam o arrojo formal e a viabilidade construtiva de uma solução arquitetônica apenas, mas que revelava, no fundo, um idealismo (autoritário) plenamente confiante no “poder” do projeto (militar). Um delírio de quem apostava e ao mesmo tempo desconsiderava ou minimizava o real embate entre as forças políticas e os interesses socioeconômicos daquele presente histórico.

A fantasia de Bernardes se alimentava, pois, da expectativa de que o programa/projeto ESG lhe permitiria lidar com a articulação entre campos de conhecimento e a associação de grandes escalas, nesse caso, concretizada menos na realização do objeto arquitetônico em si do que na idealização/condução do arcabouço conceitual-pedagógico do “centro de altos estudos de integração.” Expectativa bastante compreensível considerando o programa acadêmico da instituição que, segundo Stepan, tinha

uma parte essencial do curso (...) constituída por três ou quatro viagens extensas por todo o Brasil, a fim de [os estudantes] se inteirarem in loco dos problemas e projetos ligados ao desenvolvimento e segurança nacionais, tais como novos projetos hidrelétricos, novos complexos industriais, a indústria nacional do aço, principais projetos de habitação para favelados, o órgão regional de desenvolvimento SUDENE, programas de ação cívica e novas táticas de guerra contra-revolucionária.(STEPAN, 1975, 131)

Para um arquiteto visionário como ele, a possibilidade vislumbrada no projeto da ESG – “educar” a mentalidade da elite civil-militar (tecno-empresários detentores do capital e defensores da centralização política) – parecia, portanto, se tornar um passo definitivo, perfeitamente alinhado à agenda desenvolvimentista militar.

É importante lembrar que a ruptura familiar empreendida por Bernardes em nome da “grandiosidade de sua obra”²⁶, no final de 1968, coincide com o início do período mais próspero, e também mais duro, da Ditadura Militar, o assim chamado período do “milagre brasileiro” (1968/73). Se por um lado tal reviravolta pessoal-profissional sugere um etos dos movimentos libertários de 68, por outro, indica uma aposta na evolução escalar da sua arquitetura sob a conjuntura autoritário-repressiva e desenvolvimentista da Ditadura. É exatamente em tempos de AI-5, momento em certa medida desesperançoso para a arquitetura no Brasil e, ao mesmo tempo, de grande impulso para o setor da construção

²⁵ Ver projeto “Rio Admirável Mundo Novo”, in: CAVALCANTI, L.; BERNARDES, K. (org.). *Sergio Bernardes*, Rio de Janeiro, Artviva, 2010, 178-201.

²⁶ Cf. nota 1.

pesada²⁷, que as condições produtivas tornam-se extremamente favoráveis para Sergio Bernardes. Fato evidenciado no protagonismo assumido por ele em Brasília e no seu interesse por uma outra escala (não mais a residencial) que só a esfera pública poderia oferecer, o que naquele período significava uma relação direta com o poder militar. Do ponto de vista simbólico-conceitual, o projeto da ESG parece a evidência extrema dessa ambição. Simultaneamente, a concretização do Monumento ao Pavilhão Nacional em plena Praça dos Três Poderes – o mais importante símbolo cívico da nação fincado na Praça de autoria dos expoentes máximos da arquitetura moderna brasileira – Lucio Costa e Oscar Niemeyer, e inaugurado pelo então Presidente-General Emílio Médici, em 1972, seria um legítimo potencializador do idealismo desse sujeito-criador (ingenuamente) ávido por – e crédulo em – grandes transformações territoriais.

1.1 ARQUITETURA, DELÍRIO, FICÇÃO

Foram desenvolvidos dois projetos para a sede da ESG em Brasília. A primeira versão apresenta partido “cruciforme” com caixa triangular superior parcialmente apoiada sobre extenso prisma retangular. Essa caixa abriga os auditórios e projeta-se sobre o apoio central do volume inferior em dois grandes balanços – o maior deles sobre o Lago, com 50 metros de extensão. Ponto de interesse é o desafio estrutural – o prisma, que é base de sustentação dos grandes balanços superiores, tem suas extremidades também em balanço, conferindo ao conjunto uma expressividade enaltecadora da técnica. Contudo, essa proposta foi descartada pela instituição, que solicitou um projeto com maior área construída e espaços mais “flexíveis”.²⁸

²⁷ Pedro Campos, “Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil militar, 1964-1988”, Niterói: EDUFF, 2015, 113-115.

²⁸ Murilo Boabaid, arquiteto-sócio da Sergio Bernardes Associados, em entrevista ao autor, março 2016.

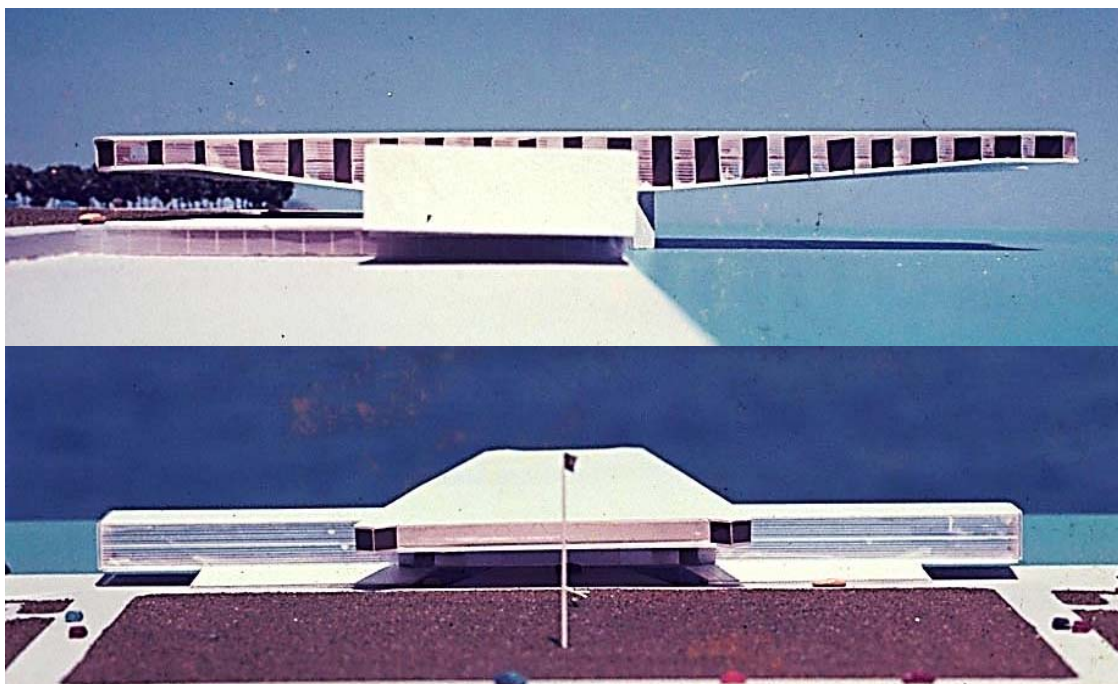


Figura 2 – Maquete 1ª proposta ESG, 1970/74.
Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

A sede da ESG acabou constituída por um único sólido geométrico horizontal, de base triangular, com lados de 180 metros e projeção horizontal com aproximadamente 20.000 m² de área. O volume triangular teria cerca de 30.000m² de construção e seria composto de três pavimentos mais subsolo, alcançando 15 metros de altura. Projetava-se parcialmente sobre as águas do Lago Norte. As obras foram iniciadas em 1973, com previsão de entrega da etapa de infraestruturas em 1974.²⁹



Figura 3 – Maquete 2ª proposta ESG, 1970/74.
Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

²⁹ Sergio Bernardes, "ESG inicia obras da nova sede em Brasília." *OGlobo*, Rio, 9/7/73, 2º Caderno, 8. <http://acervo.oglobo.globo.com/busca> (Maio 20, 2015)

Através da interpretação da forma clássica do triângulo, Bernardes explorou em planta a possibilidade construtiva do módulo triangular. O triângulo, que é simultaneamente o todo e o módulo, se agrupa em planos circulares, hexagonais e estelares, revelando um sistema estrutural a partir da decomposição geométrica de uma grande laje triangular. Os cheios – linhas/divisórias - e os vazios – continentes/ambientes – demarcam os espaços e são definidos pela malha de linhas e trajetórias geométricas geradas em planta. O traçado se dá, portanto, a partir de relações de escala/programa dentro do grande triângulo gerador.

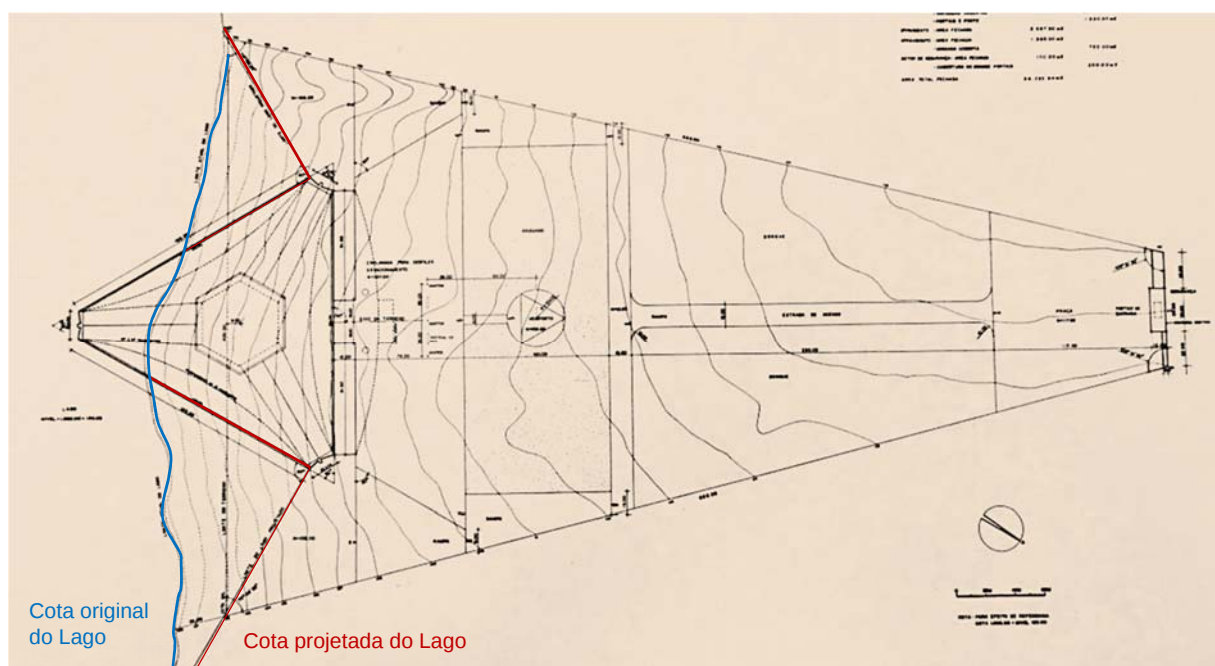


Figura 4 – Implantação ESG, 1970/74.
Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

O projeto tinha quatro pavimentos sendo um deles no subsolo. No primeiro (1,5 m acima do nível do Lago) estariam localizadas centrais de informação/comunicação, biblioteca, gráfica, revisão, iconografia e serviços/apoio – almoxarifado, cozinha, restaurantes dos funcionários/prças³⁰. No segundo (5m acima do piso inferior), o nível de acesso público com estacionamento, hall, administração, ensino, salão de honra, salão de estar, restaurante dos estagiários, administração e corpo permanente³¹; todos ambientes abertos para um teto-jardim voltado para o Lago. O terceiro pavimento (5m acima) conteria em seu centro um grande auditório circular para 400 pessoas, com pé direito duplo, favorecendo, na

³⁰ Sergio Bernardes, "ESG inicia obras da nova sede em Brasília," *OGlobo*, Rio, 9/7/73, 2º Caderno, p.8.
<http://acervo.oglobo.globo.com/busca> (Maio 20, 2015)

³¹ Ibid.

galeria superior, áreas de apoio técnico, imprensa e espaço flexível. No interior do auditório haveria seis células-auditórios, com capacidade para 90 lugares cada, giratórios, integrando-se ao grande continente, contabilizando o total de 940 pessoas reunidas. O restante do pavimento destinava-se livre aos ambientes de trabalho compostos também por células circulares com capacidade variada.³²

O pavimento técnico (subsolo), que teve suas estruturas em concreto realizadas (1973/74), abrigaria toda a parte de infraestrutura da edificação. Os resíduos dessa construção-fundação, hoje tomados pela vegetação, ainda definem a imensa forma triangular-estelar do conjunto.

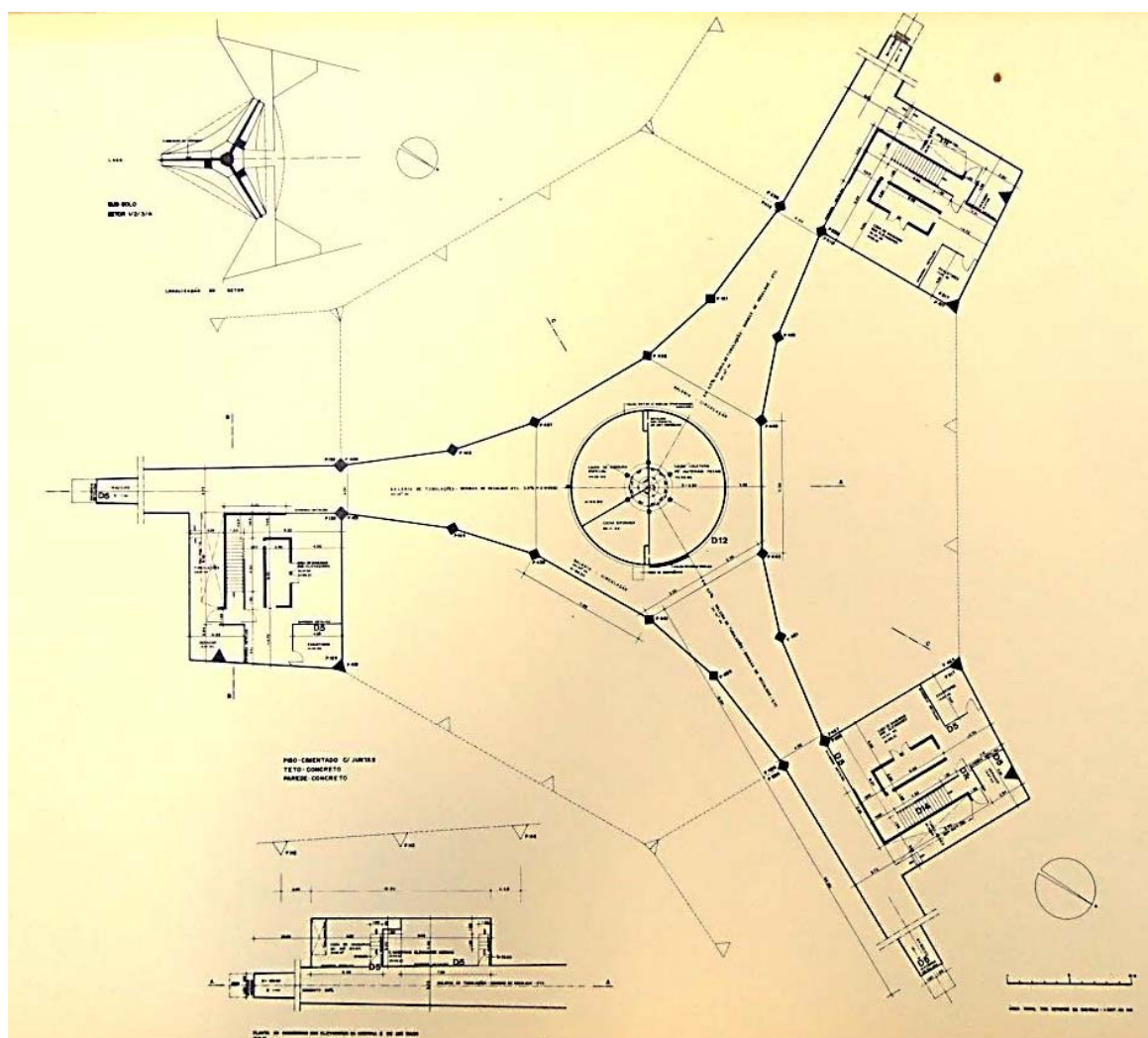


Figura 5 – Subsolo ESG, 1970/74.

Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

³² Sergio Bernardes, “Sergio Bernardes: a arquitetura perdeu o compasso”, *OCruzeiro*, Rio, ano XLV, nº36, 5/9/73, 122-126. Entrevista a Jorge Segundo. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital> (Dezembro 10, 2015)



Figura 6 – Ruínas da ESG, 1970/74.
Fonte: Google Earth, 2015.

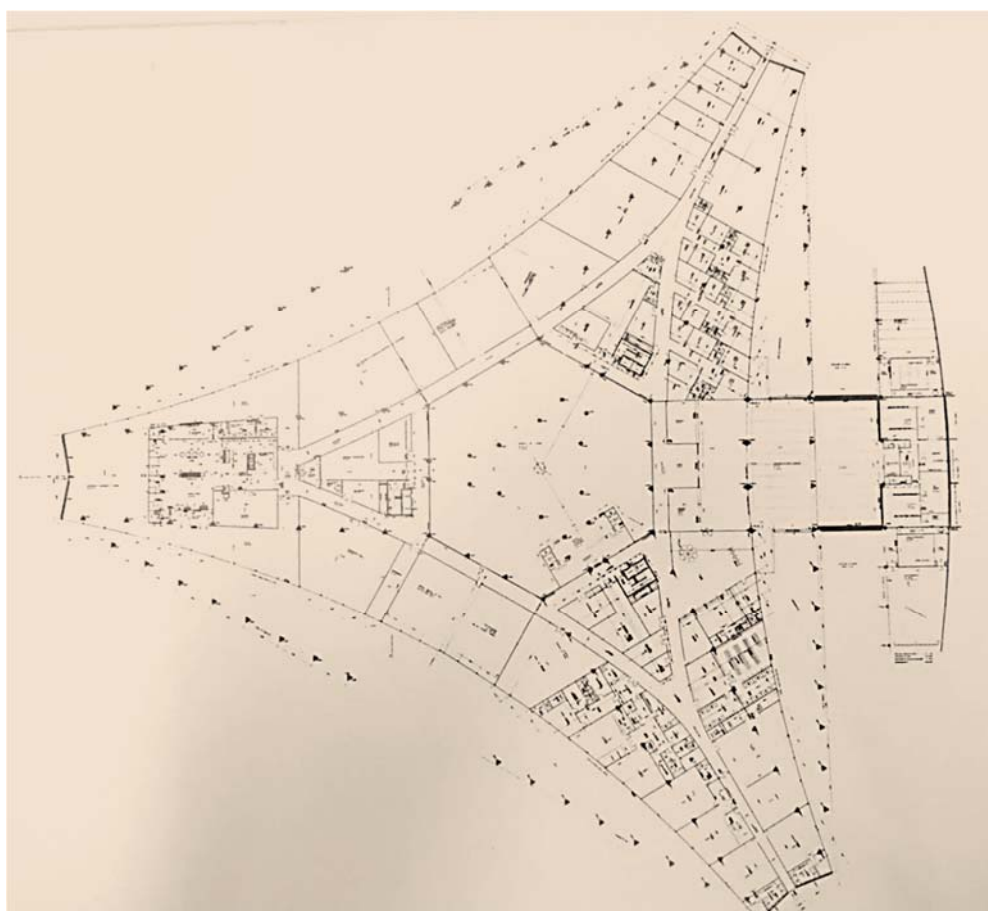


Figura 7 – Planta 1º Pavimento ESG, 1970/74.
Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

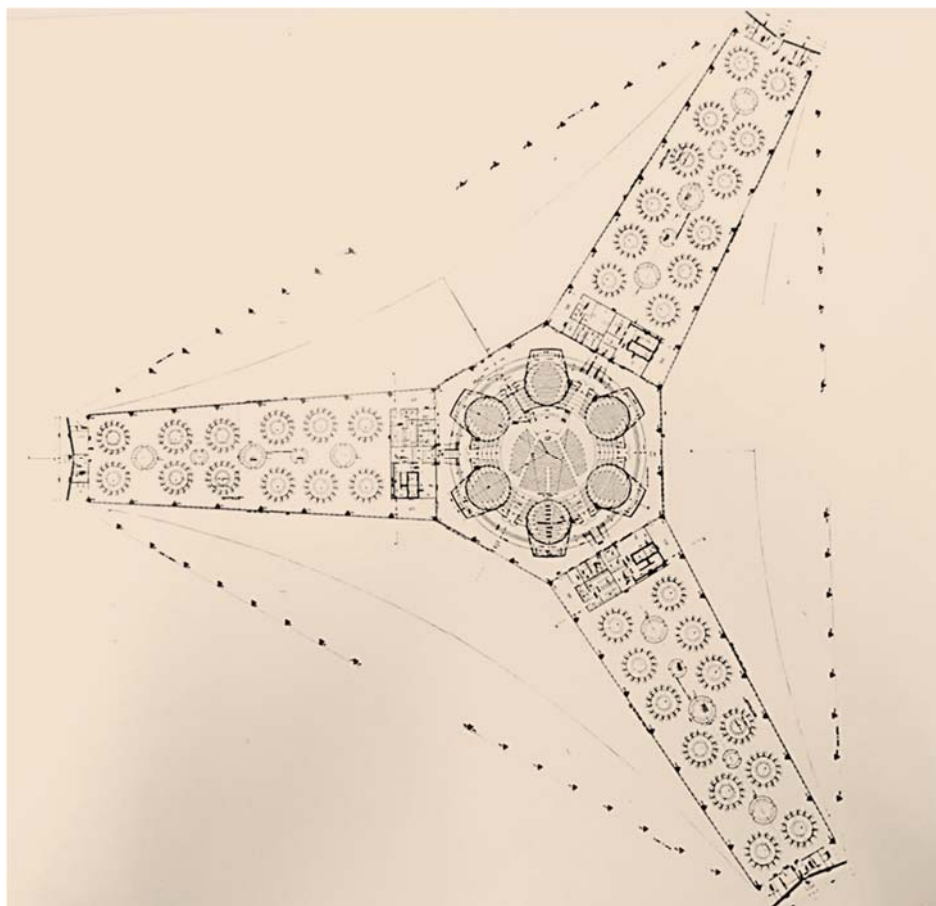


Figura 8 – Planta 2º Pavimento ESG, 1970/74.
 Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

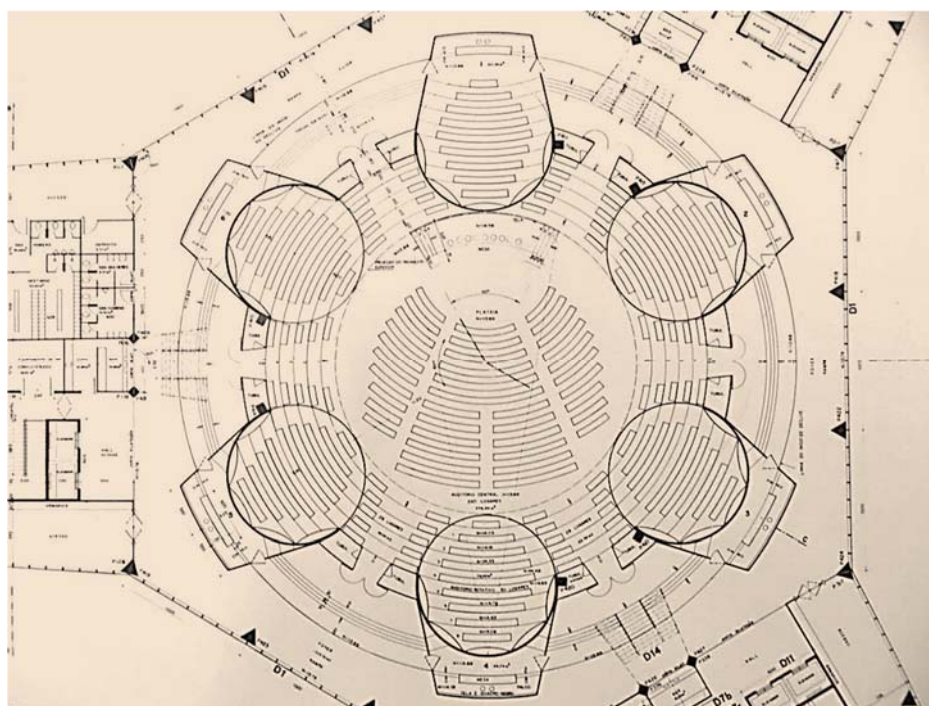


Figura 9 – Planta 2º Pavimento ESG, detalhe auditórios, 1970/74.
 Fonte: Idem.

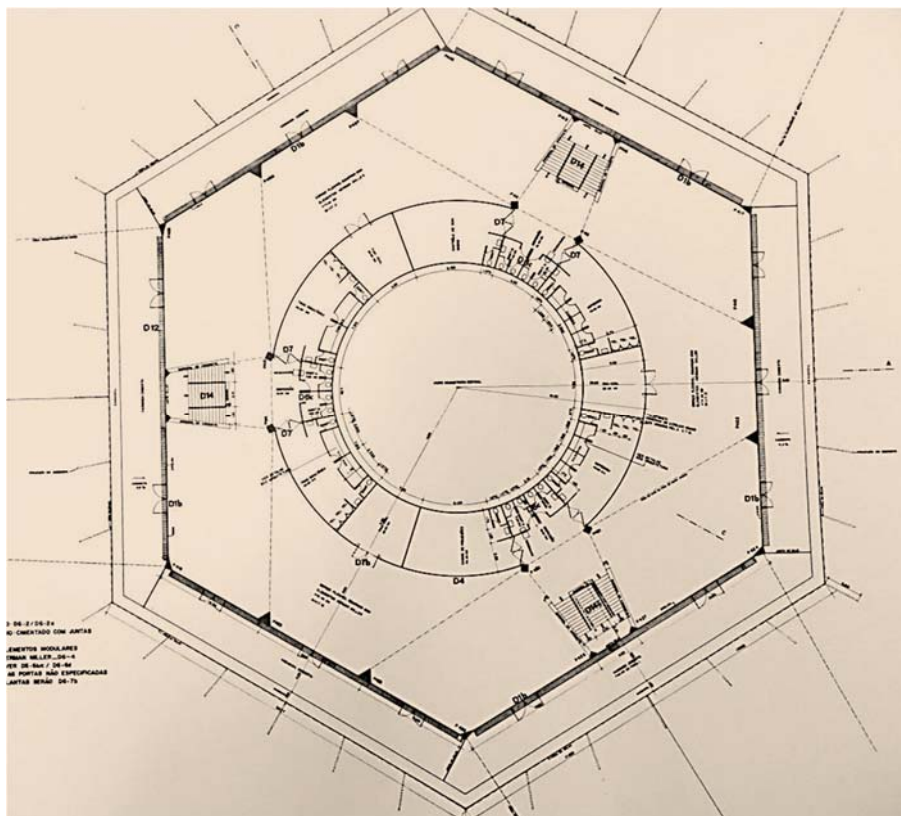


Figura 10 – Planta 3º Pavimento ESG, 1970/74.
Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

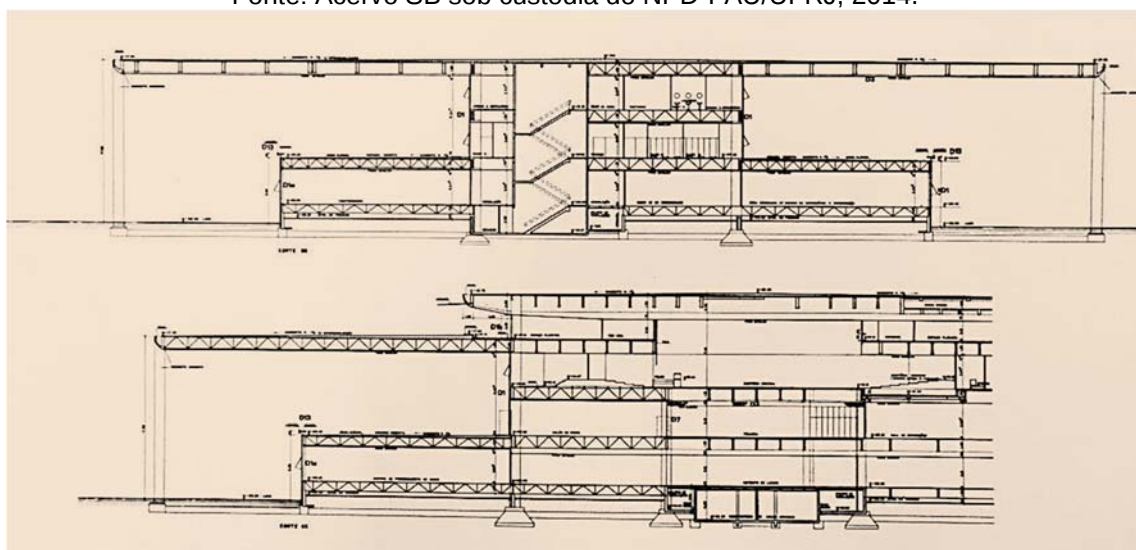


Figura 11 – Cortes ESG, 1970/74.
Fonte: Idem.

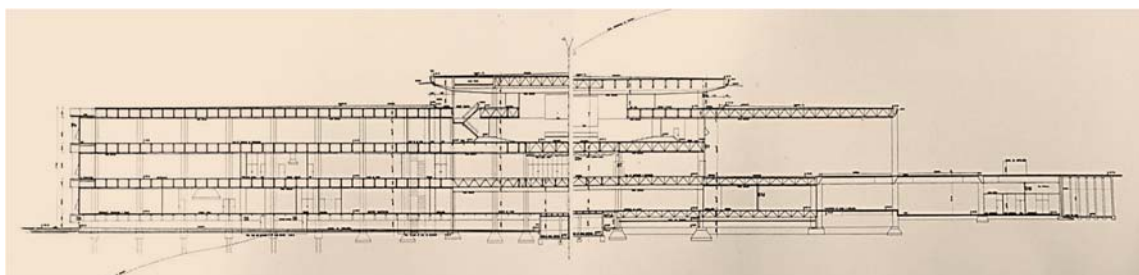


Figura 12 – Corte ESG (1970/74).
Fonte: Idem.

Vejamos o sistema construtivo da ESG. O projeto estrutural do engenheiro Paulo Fragoso, também responsável pelo do Mastro da Bandeira, previu a cobertura de 20.000 m² em laje de concreto armado plana, modulada, articulando três pavimentos e um grande núcleo central ocupado pelo auditório e suas células giratórias. Não exatamente um desafio como a carga de flexão do Mastro (com 24 toneladas da Bandeira flamejante na extremidade), mas um quebra-cabeças sistemático das muitas peças do grande prisma triangular.

Desenvolveu-se um partido misto, composto de lajes e pilares em concreto armado e vigas – em sua maioria, metálicas treliçadas, com os maiores vãos em torno de 16m de extensão. Podemos entendê-lo a partir da decomposição sistemática da geometria do triângulo e de sua reorganização estrutural a partir de uma grade. Há três linhas de pilares definindo os pontos de apoio das lajes e as possibilidades de conformação do espaço (figura 13). A primeira delas, o perímetro triangular que delimita o edifício em si (em verde); a segunda, o perímetro triangular interno delimitador do núcleo-estelar e da circulação central (em amarelo); a terceira, os eixos policêntricos gerados a partir dos vértices do grande triângulo (em azul), como ondas sonoras formando eixos de orientação. O cruzamento dessas trajetórias define em planta áreas apropriáveis, ou seja, excetuando-se as circulações axiais e os pontos equidistantes de circulação vertical/sanitários públicos, as salas poderiam ser delimitadas com alguma liberdade, garantindo a Bernardes possibilidades de agenciamentos programáticos. Uma estruturação de elementos que nasce entre o núcleo circular e o perímetro triangular da planta-forma, ou vice-versa, e é simultaneamente circular, triangular e hexagonal.

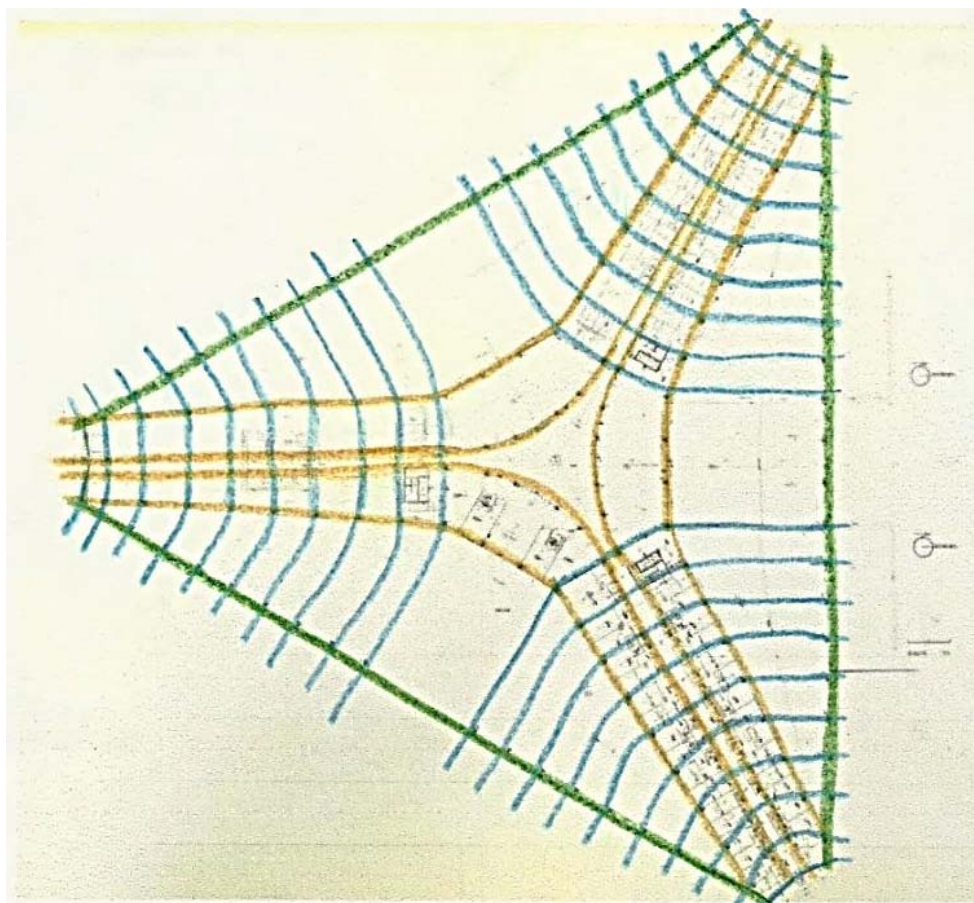


Figura 13 – Esquema “grade-estrutural” ESG, 1970/74.
 Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

Os desenhos das plantas estruturais indicam um classicismo geométrico impressionante. Um círculo inscrito num triângulo e ambos circunscritos por um hexágono definem a planta de fôrmas do núcleo central do 1º pavimento (figura 14). Na planta do 2º pavimento (figura 15), surgem um núcleo hexagonal, formas retangulares e novamente círculos inscritos. Áreas poligonais fechadas compondo lajes apoiadas por sistemas de vigas paralelas entre si, orientadas no sentido do menor vão.

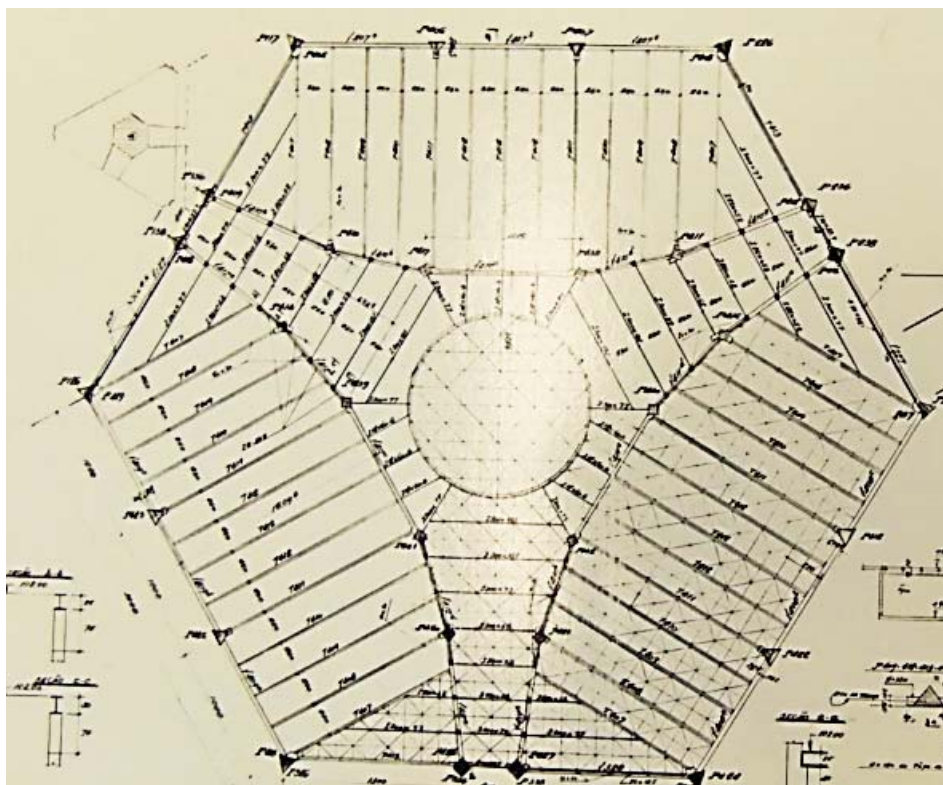


Figura 14 – Estrutura/Fôrmas 1ºPavimento ESG, 1970/74.
 Fonte: Acervo SB sob custódia do NPD-FAU/UFRJ, 2014.

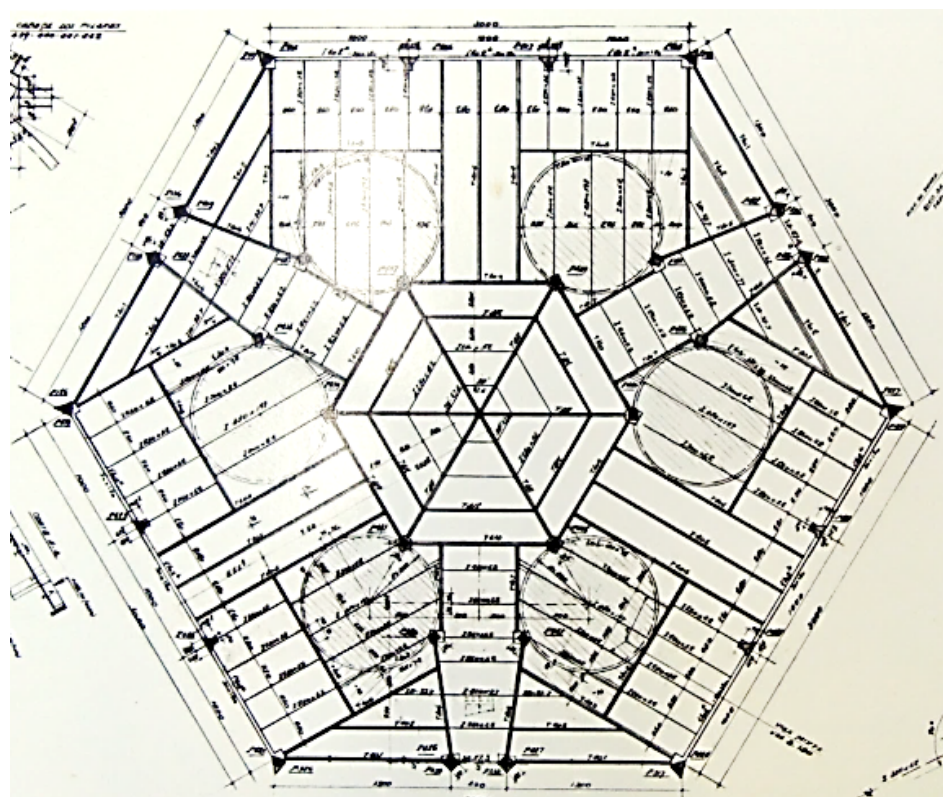


Figura 15 – Estrutura/Fôrmas 2ºPavimento ESG, 1970/74.
 Fonte: Idem.

Tal visão sistemática e racional da geometria triangular e das muitas seções geradas – trapezoidal, circular, hexagonal, estelar - pode nos remeter à imagem dos sólidos neoclássicos da “geração de arquitetos ‘visionários’”³³ de meados do século 18, integrada por Étienne-Louis Boullée e Claude-Nicholas Ledoux. Segundo Argan, os arquitetos neoclássicos Boullée e Ledoux “concebem a arquitetura como definição de *objetos* de edificação”³⁴ projetando, assim, “por entidades volumétricas, individuando nos sólidos geométricos a síntese entre ideia e coisa, isto é, a forma típica por excelência,”³⁵ como observamos no uso da esfera como solução para os distintos projetos do *Cenotáfio de Newton* – (Boullée, 1785) e da *Casa dos Guardas-Campestres* – (Ledoux, 1780).

Todavia, no caso da ESG, Bernardes parte não de uma “entidade” volumétrica, mas da “identidade” volumétrica do prisma triangular, neste caso, simbolizando uma forma idealizada ligada ao equilíbrio e à perfeição, bem de acordo com o “programa” da escola.

A condição inconclusa e fantasmagórica da obra da ESG (assim como o simbolismo da “invasão” do Mastro da Bandeira na Praça dos Três Poderes) escancara uma ousadia politicamente desengajada e quase amoral – maldita (livre?) – de Sergio Bernardes neste momento. Para ele, o que importava era levar às últimas consequências o idealismo do projeto, sendo as ruínas da ESG uma evidência material do seu esforço delirante (e quase suicida) de reafirmar o poder do próprio projeto (modernizador) numa escala que almejava muito além da monumentalidade arquitetônica. Paradoxalmente, sua aposta se dava num momento em que o idealismo da arquitetura e do urbanismo modernos já se encontrava em pleno colapso. Num tempo histórico conflituoso e ambíguo como os anos “chumbo de ouro” do “milagre brasileiro”, muitas vezes interpretado numa chave maniqueísta dos posicionamentos de direita ou de esquerda, o julgamento dessa conduta técnica “apolítica” resultaria na sentença de “homem-maldito”, no peso denunciatório e no silêncio mortal que recaíram sobre sua obra desde então.

1.2 MILAGRE, RUÍNA, MALDIÇÃO

O sonho ambicioso da “Escola Superior de Altos Estudos de Integração”³⁶ – o imenso “triângulo do conhecimento” à beira do Lago Norte em Brasília – chegaria a cabo um ano

³³ Kenneth Frampton, “História crítica da Arquitetura Moderna”, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.6.

³⁴ Giulio Carlo Argan, “Arte Moderna”, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.37.

³⁵ Ibid.

³⁶ Cf. nota 15.

após o início das obras (1973/74). Era o fim do “milagre” para Sergio Bernardes e o início da “maldição” que assombraria sua obra a partir de então.

Em agosto de 1975, uma nota no jornal *O Globo* esclareceu o motivo da suspensão das obras:

[a] transferência [da ESG] para Brasília, que estava prevista para 1976, [deveria], se o projeto [fosse] concretizado, ser promovida lenta e gradualmente. Uma fonte do Estado Maior das Forças Armadas, ao fornecer esta notícia, disse que o ‘projeto da construção da ESG em Brasília ainda não [havia saído] do chão.’ Um dos problemas para a transferência da Escola [era] relativo ao recebimento de estagiários na Capital, que ainda não [tinha] infraestrutura para receber uma organização tipo ESG, com estagiários civis e militares de diversos Estados. (SWAN, 1975)

O fato foi também atribuído a uma ordem do general Geisel (1974) cinco meses após ele ter assumido a presidência da república. Conforme impresso na revista *Veja*, em 2014,

(...) uma reportagem publicada em 14 de agosto de 1975 pelo Jornal do Brasil diz que o motivo da suspensão foi financeiro. Com o fim do período do “milagre econômico”, as verbas haviam escasseado e a sede da ESG em Brasília teria deixado de ser prioridade.

A família de Bernardes tem outra versão. ‘Sergio sugeriu uma abordagem conceitual diferente para o projeto da escola’, diz Kykah Bernardes, viúva do arquiteto. ‘Ele previa uma aproximação com estudantes e com a universidade’, explica. Para Kykah, Geisel descobriu as intenções do arquiteto e resolveu desfazer a parceria.

(...) Cinco anos depois do cancelamento dos trabalhos, o aviso ministerial 1383/79, do chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva, determinou que o terreno fosse cedido ao hoje extinto Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp). Em parceria com a UnB, o órgão deveria construir no local o Clube do Servidor Público, mas esse projeto nunca saiu do papel. (LANNES, 2014)

Seja como for, entre o idealismo do projeto/programa da ESG, a forma simbólica concebida por Sergio Bernardes e as estruturas edificadas, existem hoje ruínas concretas que podem assumir várias interpretações. Ruínas modernas da infraestrutura de um edifício e do pensamento idealista universal do seu criador. Ruínas da arquitetura moderna brasileira e da ideia do futuro planejado e orientado pelo e para o progresso. Ruínas do autoritarismo do arquiteto (moderno) que ambicionava projetar o mundo, confiante nos superpoderes de uma técnica supostamente isenta do conflito de classes e de tensões ideológicas, políticas e econômicas. Ruínas do que não foi em meio ao nada – um delírio arquitetônico iniciado na

Brasília recém-inaugurada e ainda em construção – que pretendia ir muito além da sua própria escala. Assim, retomando Dillon e nossos questionamentos iniciais, se “de alguma forma a ruína nos faz sobreviver”³⁷ qual o significado das ruínas da ESG diante do silêncio espectral (mal-estar/maldição) recaído sobre a obra de Bernardes desde então?



Figura 16 – Ruínas da ESG. Fonte: Rafael Zakrzewski, 2013.

Segundo Simmel,

a arquitetura é a única arte em que se salda o embate entre a vontade do espírito e a necessidade da natureza; em que se resolve num equilíbrio exato o ajuste de contas entre a alma, que tende para o alto, e a gravidade, que puxa para baixo. (...) A arquitetura, embora utilize e distribua o peso e a resistência da matéria de acordo com um plano que só pode ter emergido da alma, permite que dentro deste a matéria atue segundo sua natureza imediata, executando esse plano tal como suas próprias forças. É a mais sublime vitória do espírito sobre a natureza. (...) Contudo, esse equilíbrio único e singular entre a matéria inerte, sujeita às leis mecânicas e à pressão que se exerce sobre ela, e a espiritualidade formadora, que tende para o alto, se quebra no momento que o edifício se degrada e desmorona. (SIMMEL, 1988, 117)

De acordo com o autor, a ruína surge quando o equilíbrio entre a natureza e o espírito (natureza e cultura) é rompido, com a vitória das forças da natureza sobre a intenção – o labor do espírito. Ao desmoronar, o edifício perde a plenitude de sua forma, e o

³⁷ Brian Dillon, “Ruins.” London: Whitechapel Gallery Ventures Limited, 2011, 10. Tradução autor.

“antagonismo originário e universal”³⁸ de suas forças componentes reaparece, irrompendo do residual uma nova condição de existência:

As ruínas arquitetônicas indicam que nas partes desaparecidas ou destruídas da obra de arte estiveram presentes outras forças e formas da natureza, de modo que o que ainda permanece nessa arte, e que já está em sua natureza, constitui uma nova totalidade, uma unidade característica. (SIMMEL, 1988, 118)

Para Simmel, a ruína arquitetônica seria um “acidente” – a deterioração, a degradação, o desmoronamento – uma batalha perdida do espírito para natureza. Desse acidente surge um “novo sentido”, que “o engloba com a obra do espírito em uma só parte, a qual já não se baseia numa atividade intencional do homem, mas nas profundezas onde ela e o trabalho das forças inconscientes da natureza brotam de uma raiz comum.”³⁹ Assim, na visão do autor, o encanto específico das ruínas provém da ausência da “mão do homem” em seu processo de degradação. Em outras palavras: o encantamento da ruína estaria na percepção da obra humana como sendo um produto da natureza, da força vital que se apodera da matéria decadente, trazendo, em si, o embate temporal passado-futuro e a consciência do contínuo processo de deterioração da materialidade construída frente ao domínio vivo e inevitável da natureza.

Mas caberiam as estruturas ruinosas da ESG na definição de Simmel? A força com que a vegetação se apropria, penetra, amarra e se apodera dos resíduos do concreto armado vence, de fato, a ação da obra humana (interrompida), recobrando a antiga natureza, acomodando o objeto artificial na condição orgânica, construindo uma nova totalidade? Ou a permanência dos indícios da forma (não) construída – e do idealismo fracassado de Bernardes nela projetado – impedem o gozo estético das ruínas como tal? Afinal, as ruínas da ESG são ruínas de uma obra inacabada, fato que por si só já lhe confere um caráter ruinoso.

³⁸ Georg Simmel, “Las Ruinas”, in: “Sobre la aventura Ensayos Filosóficos”, Barcelona: Península, 1988, p. 118. Tradução do autor.

³⁹ Ibid.



Figura 17 – Ruínas da ESG. Fonte: autor, 2014.

Para Dillon, a visão de Simmel tem ainda algo de romântico, na medida em que reafirma, na “valência dupla da ruína como imagem e realidade”⁴⁰, uma tendência ao “objeto artificial deslizando imperceptivelmente em direção a um estado orgânico, até que finalmente a natureza toma seu caminho e [não se pode] falar legitimamente de uma ruína como tal”.⁴¹ Visão esta que o pensamento do século 20 tenderia a minar tanto estética quanto historicamente.⁴² Nesse sentido, talvez as ruínas da ESG se aproximem mais da paisagem ruinosa identificada por Robert Smithson em New Jersey, no final dos anos 1960.⁴³ Dillon esclarece que

entropia, a chave do conceito do trabalho de Robert Smithson, nos lembra que a ruína é sempre dinâmica e em processo, dando origem ao que Smithson chama 'paisagens dialéticas' que pairam entre o profundo passado geológico e o futuro catastrófico. (DILLON, 2011, 14)

Pela leitura de Dillon, fica clara a percepção contemporânea de Smithson sobre a paisagem ruinosa do percurso (*Passaic*, New Jersey, 1973) “entre os detritos à margem do rio e as estruturas meio-formadas de uma nova via expressa”⁴⁴, através da qual, o romantismo da ruína e a própria ideia de monumento são perspicazmente dissolvidos. Simulando a

⁴⁰ Brian Dillon, op. cit., 13. Tradução autor.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid, p.14.

⁴⁴ Ibid.

descoberta de “uma nova ‘cidade eterna’ - um terreno esparramado com ‘monumentos’ decadentes contrários aos de Roma”⁴⁵, o artista, em “tom erudito e irônico”, define a ideia ou a condição de “ruínas ao inverso”⁴⁶, segundo a qual as ruínas seriam

captadas em um estado dialético entre sendo construídas e caindo em desuso e decadência [fazendo] o futuro parecer uma moda antiga e o passado ser visto como se tivesse chegado de algum tempo desconhecido por vir. (DILLON, 2011, 14)



Figura 18 – Ruínas da ESG. Fonte: autor, 2014

De algum modo, esse “estado dialético” das ruínas definido por Smithson nos parece uma chave para a interpretação das ruínas da ESG. Estas, configurando um “estado de suspensão” presente entre o futuro banalizado pela ficção científica do projeto e a materialidade inconclusa do passado fragmentário, que pode - ou deve - ser erigido sob a luz de “um tempo desconhecido ainda por vir”. Um tempo a se construir historicamente, buscando-se os não-ditos e os malditos, evitando o culto à linearidade e aos mitos

⁴⁵ Brian Dillon, op. cit. , 14.

⁴⁶ Ibid.

vencedores. Afinal, “articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’”⁴⁷, mas abrir possibilidades, questionar mitificações, construir o inaudito.

Assim como a indigestão monumental provocada pelo Mastro da Bandeira, a arquitetura do mal-estar representada pelas ruínas da ESG sentencia Sergio Bernardes à maldição. Mas entre fantasmas, inimigos e vencedores do passado, não se pode esquecer que a crítica arquitetônica que enterrou, ainda no presente, a obra de Bernardes não se exclui da História na qual ela foi edificada.

BIBLIOGRAFIA

Argan, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. Trad.: Denise Bottmann, Frederico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Arruda, Antônio. *ESG: história de sua doutrina*. São Paulo: GRD, 1980.

Benjamin, Walter. *O Anjo da História: Walter Benjamin*. Org. e Trad.: João Barrento, Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Bernardes, Sergio. “ESG inicia obras da nova sede em Brasília.” *O Globo*, Rio de Janeiro, 9/7/1973, 2º Caderno, 8. <http://acervo.oglobo.globo.com/busca> (Maio 20, 2015)

Bernardes, Sergio. “Sergio Bernardes: a arquitetura perdeu o compasso.” *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XLV, nº36, 5/9/1973, 122-126. Entrevista a Jorge Segundo. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital> (Dezembro 10, 2015)

Bruand, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Campos, Pedro. “Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil militar, 1964-1988”, Niterói: EDUFF, 2015.

Cavalcanti, Lauro. *Sergio Bernardes – Herói de uma Tragédia Moderna*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2004.

Cavalcanti, Lauro; Bernardes, Kykah (org.) *Sergio Bernardes*. Rio de Janeiro: Artviva, 2010.

Cohen, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889*. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

Dillon, Brian. (ed.) *Ruins*. London: Whitechapel Gallery Ventures Limited, 2011.

Dreifuss, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

Gaspari, Elio. *A ditadura envergonhada*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

_____. *A ditadura escancarada*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

⁴⁷ Walter Benjamin. “O Anjo da História: Walter Benjamin”, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, 11.

_____. *A ditadura derrotada*. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

Lannes, Paulo. *Os segredos dos escombros*. *Veja Brasília*, Brasília, Editora Abril, 3/1/2014.
<http://vejabrasilia.abril.com.br/materia/cidade/os-segredos-dos-escombros> (Abril 20, 2014)

Lima, Eduardo. *Introdução ao estudo de um projeto de “Democracia Autoritária”: o papel da ESG no desenvolvimento político brasileiro (1943-1967)*. Monografia Bacharelado em História – IFCS/UFRJ, 2004.

Simmel, Georg. *Las Ruinas*, in: *Sobre la aventura Ensayos Filosóficos*. Barcelona: Península, 1988, 117-125.

Stepan, Alfred. *Os Militares na Política: as mudanças de padrões na vida brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

Swann, Carlos. “ESG fica no Rio.” *O Globo*, Rio de Janeiro, 7/8/1975, 4.
<http://acervo.oglobo.globo.com/busca> (Dezembro 16, 2014)